

## **ROMERO, Sílvia**

\*dep. fed. SE 1900-1902.

*Sílvia Vasconcelos Silveira Ramos Romero* nasceu na cidade de Lagarto (SE) em 21 de abril de 1851, filho de André Ramos Romero e de Maria Vasconcelos da Silveira Santos Romero.

Após fazer os estudos primários em sua cidade de origem, na Escola Mista do professor Badu, deixou Sergipe em 1863 com destino ao Rio de Janeiro, então capital do Império, para fazer os preparatórios no Ateneu Fluminense. Rumou em seguida para Recife e matriculou-se na Faculdade de Direito dessa cidade em 1868. No segundo ano do curso iniciou sua colaboração na imprensa literária, com a publicação da monografia “A poesia contemporânea e a sua intuição naturalista”. Desde então, manteve-se presente nas folhas recifenses como poeta, ensaísta e crítico. Escreveu para *A Crença* (que também dirigiu), *O Americano*, *Correio Pernambucano*, *Diário de Pernambuco*, *O Movimento*, *Jornal de Recife*, *A República* e *O Liberal*. Ainda nos anos de faculdade conheceu Tobias Barreto, principal referência da Escola de Recife, e entrou em contato com as idéias positivistas e evolucionistas, com as quais dialogou nos seus escritos de crítica literária e de sociologia. Recebeu o grau de bacharel em direito em novembro de 1873.

Logo depois de formado regressou a Sergipe, tornou-se promotor público em Estância, fundou o Clube Republicano da cidade, inspirado nos encontros que manteve com o grupo republicano de Laranjeiras, e foi eleito deputado à Assembleia Provincial. Renunciou porém ao mandato em 1875, com o objetivo de ingressar na vida acadêmica. Voltou a Recife e se inscreveu para a defesa de tese com a qual pretendia ingressar no Colégio das Artes como professor de filosofia. Contudo, durante a defesa pública, após ter afirmado em acirrado debate que “a metafísica está morta”, entrou em atrito com os examinadores, a tal ponto que, devido a agressões pessoais, ficou decidido o encerramento da sessão. Em virtude dos acontecimentos, não obteve o título pleiteado, além de ter respondido a processo por crime de injúria, do qual foi absolvido.

Deixou então Pernambuco para viver em Parati, no sul da província do Rio de Janeiro, onde foi nomeado juiz municipal e de órfãos por decreto de 31 de agosto de 1876. Exerceu essa função até julho de 1879, quando foi exonerado a pedido próprio. De volta à cidade do Rio de Janeiro, colaborou no jornal *O Repórter*, de Lopes Trovão. Em 1880 obteve, por concurso público, uma vaga para lecionar filosofia no Internato do Colégio Pedro II, classificado em primeiro lugar com a tese *Interpretação filosófica dos fatos históricos*.

Definida sua situação profissional, pôde dedicar-se a escrever seu livro mais significativo, *História da literatura brasileira* (1888), no qual se propôs encontrar “as leis gerais que presidiram e continuam a determinar a formação do gênio, do espírito, do caráter do povo brasileiro” e, assim, “mostrar as relações de nossa vida intelectual com a História política, social e econômica da nação”. Nessa perspectiva, escreveu Alberto Schneider, a literatura aparece como “documento da nacionalidade”. Além de importante historiador da literatura, Sílvio Romero destacou-se pelo constante envolvimento em polêmicas literárias. Escreveu contra José de Alencar, Araripe Júnior, Machado de Assis e José Veríssimo.

#### NA REPÚBLICA: ATUAÇÃO POLÍTICA E LITERÁRIA

Sílvio Romero apoiou a causa republicana e, em 1889, ano de instauração do regime político que substituiu a monarquia parlamentar e o reinado de dom Pedro II, publicou dois panfletos em que procurou divulgar suas idéias: *Manifesto aos eleitores da província de Sergipe* e *Mensagem dos homens de letras do Rio de Janeiro ao governo provisório*. Envolvido na política da capital federal, ingressou em 1890 no Partido Nacional e apresentou-se como candidato ao Senado. Derrotado nas urnas, regressou a Sergipe em 1891 e passou a atuar ativamente na política local.

Em 1894, apoiou Manuel Valadão e os “pebas” (republicanos florianistas) na derrubada do governo de José Calazans. No momento em que Calazans deixou a capital para refugiar-se na cidade de Rosário do Catete, onde Leandro Siqueira Maciel, um dos mais importantes líderes dos “cabaús” (antigos membros do Partido Conservador que aderiram à República) tinha suas propriedades, exigiu em discurso no centro de Aracaju a entrega do governo

sergipano ao presidente da Assembleia Legislativa.

Participou em 1897 da fundação da Academia Brasileira de Letras (ABL) e foi escolhido para a cadeira de número 17, cujo patrono é Hipólito da Costa.

Em 1899 elegeu-se deputado federal por Sergipe, beneficiado pelo acordo entre pebas e cabaús, que possibilitou a eleição do monsenhor Olímpio Campos para o governo sergipano e a de Martinho Garcez para o Senado da República. Em sua passagem pela Câmara dos Deputados, entre maio de 1900 e dezembro de 1902, foi relator do projeto do Código Civil. Em 1906 esteve reunido aos que fundaram o Partido Progressista (PP), para o qual convergiram todos os insatisfeitos com a continuidade do mando político do monsenhor Campos, que acabava de eleger seu irmão mais velho para dirigir o estado. Entre os progressistas estivera Fausto Cardoso, líder da revolta contra o governo de Guilherme Campos, reprimida pelo presidente Rodrigues Alves em agosto daquele ano, após ter conquistado o poder por 18 dias consecutivos.

Também em 1906, Sílvio Romero proferiu o discurso de recepção a Euclides da Cunha na ABL. Na ocasião, para o espanto de todos, quebrou o ato protocolar atacando Valentim Magalhães e Castro Alves, respectivamente antecessor e patrono da cadeira entregue ao autor de *Os sertões*, não poupando inclusive palavras contra o governo federal, na presença do presidente Afonso Pena, o que fortaleceu ainda mais sua imagem de polemista.

Aposentado do Colégio Pedro II em 1910, no ano seguinte, após ter contraído tuberculose, passou a viver na cidade mineira de Juiz de Fora. Fundou a Faculdade de Direito da cidade, posteriormente integrada à Universidade Federal.

Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia Baiana de Letras, da Academia Pernambucana de Letras, sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa, do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e do Grêmio Literário de Campinas. Atuou no ensino superior como lente de filosofia do direito na Faculdade Livre do Rio de Janeiro. Representou o Brasil em várias conferências

internacionais e foi agraciado pelo rei dom Carlos, de Portugal, com a comenda de São Tiago.

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, no dia 18 de julho de 1914.

Foi casado em primeiras núpcias com Clarinda Diamantina Correia de Araújo, posteriormente com Maria da Rocha Liberato, que veio a falecer, e, por último, com Maria Pereira Barreto.

Escreveu vastíssima obra de crítica e história literária, poesia, filosofia, história do Brasil, crônica política, etnografia, sociologia e folclore. Publicou *Etnologia selvagem* (1873), *A filosofia no Brasil: ensaio crítico* (1878), *Cantos do fim do século* (1878), *A literatura brasileira e a crítica moderna: ensaio de generalização* (1880), *Introdução à história da literatura brasileira* (1882), *Naturalismo em literatura* (1882), *Cantos populares do Brasil* (1883), *Ensaio de crítica parlamentar* (1883), *Últimos harpejos* (1883), *Estudos sobre a poesia popular no Brasil* (1888), *Etnografia brasileira: estudos críticos sobre Couto de Magalhães* (1888), *História da literatura brasileira* (1888), *A filosofia e o ensino secundário* (1889), *As três formas principais da organização republicana* (1889), *Ensino cívico: a história do Brasil ensinada pela biografia dos seus heróis* (1890), *Luiz Murat: estudos* (1891), *Parlamentarismo e presidencialismo na República do Brasil: cartas ao conselheiro Rui Barbosa* (1893), *Doutrina contra doutrina: o evolucionismo e o positivismo no Brasil* (1894), *Ensaio de filosofia do direito* (1895), *A verdade sobre o caso de Sergipe* (1895), *O vampiro do Vasa-Barris: intermezzo jornalístico em resposta ao vigário Olímpio Campos* (1895), *Machado de Assis: estudo comparativo* (1897), *Novos estudos de literatura contemporânea* (1897), *Martins Pena: ensaio crítico* (1901), *Ensaio de sociologia e literatura* (1901), *O elemento português na colonização do Brasil* (1902), *Outros estudos de literatura contemporânea* (1905), *Evolução do lirismo brasileiro* (1905), *Evolução da literatura brasileira: vista sintética* (1905), *O alemanismo no sul do Brasil: seus perigos e os meios de combater* (1906), *A pátria portuguesa: o território e a raça* (1907), *Zeverissimações ineptas da crítica:*

*respostas e desabafos* (1909), *Quadro sintético da evolução dos gêneros na literatura brasileira* (1911), *Estudos sociais: o Brasil na primeira metade do século XX* (1911), *Minhas contradições* (1914).

A seu respeito foram escritos, entre outros, *Método crítico de Sílvio Romero*, de Antônio Cândido (1945), *Sílvio Romero, de corpo inteiro*, de Carlos Sussekind de Mendonça (1963) e *Sílvio Romero: dilemas e combates no Brasil da virada do século XX*, de Maria Aparecida Resende Mota (2000).

Em sua homenagem, desde 1959, o governo federal realiza o Concurso Sílvio Romero de Monografias sobre folclore e cultura popular.

*Sérgio Montalvão*

FONTES: ACAD. BRAS. LETRAS. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/>>; CÂM. DEP. *Deputados*; GUARANÁ, M. *Dicionário*; RODRIGUES, R. *Silvio Romero*; SCHNEIDER, A. *Silvio Romero*; TEIXEIRA, J. *Turbilhão*; VENTURA, R. *Estilo*.